

Lição 23: Como a demonstração “quia” e “propter quid” diferem numa mesma ciência.

Demonstração “quia” através de um efeito

“a22. Conhecimento do fato — a30. Assim, poderias provar — a39. O maior e o médio — b3. Outro exemplo é a inferência — b10. Novamente, em casos onde a causa

Após determinar sobre a demonstração *propter quid*, o Filósofo aqui mostra a diferença entre a demonstração *quia* e a demonstração *propter quid*. E ele faz duas coisas sobre isso. Primeiro, mostra como elas diferem na mesma ciência. Segundo, em ciências diversas (78b33) [L. 25]. Sobre o primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, declara a dupla diferença entre as duas na mesma ciência. Segundo, esclarece isso com exemplos (78a30).

Ele diz portanto primeiro (78a22) que, como dito acima, a demonstração é um silogismo que causa conhecimento científico e procede das causas primeiras e imediatas de uma coisa. Ora, isso deve ser entendido como referindo-se à demonstração *propter quid*. Mas há uma diferença entre saber que uma coisa é assim e por que ela é assim. Portanto, como a demonstração é um silogismo que causa conhecimento científico, como foi dito, é necessário que a demonstração *quia*, que faz alguém saber que uma coisa é assim, difira da demonstração *propter quid*, que faz alguém saber o porquê. Consequentemente, essa diferença deve ser considerada primeiro na mesma ciência e depois em ciências que são diversas.

Em uma mesma ciência, cada uma das acima é dita diferir em relação às duas coisas requeridas para a demonstração em sentido estrito — que causa o conhecimento do porquê —, a saber, que

seja a partir de causas e a partir de causas imediatas. Daí, uma maneira pela qual o conhecimento científico *quia* difere do *propter quid* é que o primeiro ocorre se o silogismo não é através de princípios imediatos, mas através de princípios mediatos. Pois nesse caso a causa primeira não será empregada, ao passo que a ciência *propter quid* é segundo a causa primeira; consequentemente, o primeiro não será ciência *propter quid*.

Diferem de outra maneira, porque é ciência *quia* quando o silogismo, embora não através de médios, isto é, mediatos, mas através de coisas imediatas, não é através da causa, mas através de "convertência", i.e., através de efeitos conversíveis e imediatos. Daí, uma demonstração desse tipo é através do mais conhecido, a saber, para nós; caso contrário, não produziria conhecimento científico. Pois não alcançamos o conhecimento do desconhecido senão através de algo mais conhecido. No entanto, no caso de duas coisas igualmente predicáveis, i.e., conversíveis, uma das quais é a causa e a outra o efeito, nada impede que, de vez em quando, o mais conhecido não seja a causa, mas o efeito. Pois, às vezes, o efeito é mais conhecido do que a causa, tanto para nós quanto segundo a percepção sensorial, embora, absolutamente e segundo a natureza, a causa seja a mais conhecida. Consequentemente, através de um efeito mais conhecido do que a causa, pode haver demonstração que não engendra conhecimento *propter quid*, mas apenas *quia*.

Então (78a30), ele esclarece essas diferenças por meio de exemplos. E isso se divide em duas partes. Na primeira, ele desenvolve um exemplo da demonstração *quia* que é através de um efeito. Na segunda, da demonstração *quia* que é através de uma causa mediata (78b13) [L. 24]. A primeira se divide em duas partes. Na primeira, ele dá um exemplo de um silogismo que é através de um efeito conversível. Na segunda, de um silogismo através de um efeito não conversível (78b10). A primeira se divide em duas partes segundo os dois exemplos que ele dá, a segunda das quais começa em (78b3). Sobre a primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, dá um exemplo de demonstração *quia* que é através de um efeito. Segundo, afirma quando ela pode ser convertida em uma demonstração *propter quid* (78a39).

Ele diz portanto primeiro (78a30) que a demonstração *quia* é através de um efeito se alguém conclui, por exemplo, que os planetas estão próximos porque não cintilam. Pois a não cintilação não é a causa de os planetas estarem próximos, mas vice-versa: pois os planetas não cintilam porque estão próximos. Pois as estrelas fixas cintilam porque, ao contemplá-las, a visão é obscurecida devido à distância. Portanto, o silogismo poderia ser formado do seguinte modo: "Tudo o que não cintila está próximo; mas os planetas não cintilam: portanto, estão próximos." Aqui, tomamos C como os planetas, i.e., que "planetas" seja o extremo menor, e B consista em não cintilar, e A "estar próximo" seja o extremo maior. Então, a proposição "Todo C é B" é verdadeira, i.e., os planetas não cintilam. Também é verdade que "Todo B é A", i.e., toda estrela que não cintila está próxima. No entanto, a verdade de tal proposição deve ser obtida através de indução ou através da percepção sensorial, porque o efeito aqui é mais conhecido do que a causa. E assim, a conclusão "Todo C é A" se segue. Desse modo, então, foi demonstrado que os planetas, i.e., as estrelas errantes, estão próximos. Consequentemente, esse silogismo não é *propter quid*, mas *quia*. Pois não é porque não cintilam que os planetas estão próximos, mas antes, porque estão próximos, eles não cintilam.

Em seguida (78a39), ele ensina como uma demonstração *quia* é transformada em uma demonstração *propter quid*. E diz que "é possível demonstrar uma por meio da outra", isto é,

demonstrar que elas não cintilam, porque estão próximas. Então a demonstração será *propter quid*. Assim, seja C os errantes, ou seja, que “astro errante” seja o extremo menor; que B consista em estar próximo, ou seja, “estar próximo”, que era o extremo maior acima, seja o termo médio; e que A consista em não cintilar, ou seja, “não cintilar”, que acima era o termo médio, agora seja o termo maior. Portanto, B está em C, i.e., “Todo planeta está próximo”; e A está em B, i.e., “Qualquer planeta que está próximo não cintila”. Donde se segue que A está em C, i.e., “Um planeta não cintila”. Dessa forma, temos um silogismo *propter quid*, pois ele se baseia na causa primeira e imediata.

Em seguida (78b3), ele apresenta outro exemplo disso, dizendo que “dessa forma” (isto é, por meio de uma demonstração *quia*), “demonstra-se que a lua é redonda por causa de suas fases”, segundo as quais ela cresce e decresce a cada mês. Argumenta-se assim: “Tudo o que cresce de forma circular é circular; mas a lua cresce dessa forma: portanto, ela é circular”. “Colocado dessa forma, é um silogismo que demonstra *quia*. Mas se o termo médio for trocado”, i.e., se “circular” for feito o termo médio e “cresce” o termo maior, “torna-se uma demonstração *propter quid*”. Pois a lua não é circular porque cresce dessa maneira, mas porque é circular, ela sofre tais fases. Portanto, seja C “a lua”, i.e., o extremo menor; que “crescer” seja A, i.e., o extremo maior, e que “circular” seja B, o termo médio. Essa será a situação no silogismo *propter quid*.

Em seguida (78b10), ele mostra que uma demonstração por meio de um efeito não conversível é *quid*. Diz, portanto, que mesmo naqueles silogismos em que os termos médios não são convertidos com os extremos, e em que um efeito, em vez de uma causa, é tomado como o termo médio mais conhecido para nós, mesmo nesses casos a demonstração é *quia* e não *propter quid*. Se o termo médio for tal que possa ser convertido com o extremo maior e exceder o menor, então obviamente é um silogismo adequado; por exemplo, se alguém prova que Vênus está próximo porque não cintila. Por outro lado, se o menor excedesse o termo médio, não seria um silogismo adequado: pois não se pode concluir universalmente das estrelas que elas estão próximas porque não cintilam. Muito pelo contrário, em comparação com o termo maior: pois se o termo médio está em menos coisas do que o termo maior, o silogismo é adequado, como quando se prova que alguém tem uma alma sensível com base no fato de ser capaz de movimento local progressivo. Mas se está em mais, então o silogismo não é adequado, pois a partir de um efeito que pode proceder de várias causas, não se pode concluir uma delas. Assim, não se pode concluir de um pulso rápido que ele tem febre.